



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVOLÚCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE-ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

9 de Outubro de 2010 • Ano LXVII • N.º 1737
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

SEMANA DA PASTORAL SOCIAL

Padre João

COMO estava previsto, decorreu de 14 a 16 de Setembro mais uma Semana da Pastoral Social, a XXVI, sob o tema: *Dar-se de Verdade – para um desenvolvimento solidário* – fortemente inspirada na Encíclica – *Caritas in Veritate* – de Bento XVI.

Com uma organização esmerada, por todos reconhecida, o evento congregou mais de 500 pessoas, representantes da maioria das Instituições de Solidariedade Social de Portugal. Destaque para a

participação de delegações de Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Moçambique.

Convocada pela Comissão Episcopal da Pastoral Social, a Semana contou com a participação de peritos, vários, que ao longo dos 3 dias explanaram, com rigor e mestria, a questão do “saber social” na linha da Encíclica Papal.

Um dos primeiros oradores foi o Cardeal Peter Turkson, Presidente do Conselho Pontifício Justiça e Paz. O ilustre orador apresentou a sua visão pes-

soal da encíclica constituindo um bom incentivo à releitura e meditação da mesma.

Joana Rigato, da Comissão Nacional Justiça e Paz, seguidamente colocou-nos diante de situações e números acerca da pobreza em Portugal e no mundo. Mais de metade da população é vulnerável à pobreza. Metade da população mundial, 2 mil e oitocentos milhões vive na pobreza. Mil e duzentos milhões vivem com menos de 1 dólar por dia. Em cada 7 segundos morre uma

criança de fome. No mundo mais de 100 mil pessoas morrem por dia de doenças provocadas pela fome. Nos últimos 20 anos houve um aumento de 100 milhões de pobres... Enfim, números que dão que pensar.

Rogério Roque Amaro, do ISCTE, fez uma interessante digressão sobre o conceito de desenvolvimento. Um conceito firmado no fim da segunda guerra mundial; um conceito de base europeia, marcado pelo eurocentrismo e uniformismo, com dificuldades de encaixe noutros continentes, naturalmente. A vida acontece na diversidade, ilustrou. Alu-

dindo à Encíclica *Centesimus Annus* de João Paulo II, tomou-a como uma crítica ao mito do desenvolvimento americano e soviético. Nesta linha, fez notar que a Igreja é a instituição mais bem colocada para implementar uma mudança, partindo dos conceitos de desenvolvimento comunitário e local, alternativos, nomeadamente através da base paroquial. É preciso lutar contra esta sensação de abandono local, referiu com ênfase dando como exemplo o fecho de escolas, postos de correio etc. Mais adiante alertou para

Continua na página 2

SINAIS

Padre Telmo

ACABO de ler a carta que o Padre Martin Lasarte, missionário em Angola, endereçou ao jornal norte-americano *The New York Times* sobre as notícias dos abusos sexuais de padres a crianças.

Como ele repudio, tenho pena e, como padre católico, sofro na carne.

Perdão? Jesus não atirou pedras à mulher adúltera — nem permitiu que alguém atirasse: «O que não tem pecados que atire a primeira».

A onda mediática, porém, não se limita a dar as notícias, atinge com certo ódio todos os padres, a Igreja e vai com certa raiva até ao Vaticano.

Padre x pecou — foram todos os padres... Dr. y pecou — foi o cidadão y ou x.

Padre Martin chama a atenção para a multidão de sacerdotes que no México, América Latina, Angola e toda a África estão dando a vida por povos desfavorecidos. Aponta os que já foram baleados ou que saltaram ao ar pelo rebentamento de minas — quando iam ajudar os seus povos. A classe mediática não sabe? E se sabe remete-se ao silêncio.

Um dia, na Missão Católica dos Bangalas — a 300 quilómetros da sede do Distrito e sem estrada — entrei, afastando com as mãos o capim alto, no cemitério da Missão. Fiquei lendo e meditando as campas: Aqui jaz o Padre x, francês de 27 anos; aqui o Padre y, belga de 30 anos; aqui o Padre português, de 28 anos. E mais. Todos vitimados pela malária — por amor àquele povo abandonado e esquecido! Esquecidos eles também no meio do capinzal!

Convivi com um sacerdote belga, em Angola — o Padre Luís. Tinha 35 anos quando veio para as missões e nunca mais foi à sua Pátria. Viveu pobre. Dormia numa tarimba de soldado. Não cozinhou. Tomava do leite que fazia para os refugiados — doentes e alguns mesmo esqueléticos. A linha de combate entre a UNITA e o MPLA estava a 100 quilómetros de distância. As pessoas fugiam e vinham ter à Missão. Padre Luís morreu velho! Foi acompanhado pelos seus Irmãos Espiritanos e pelo povo da cidade de Malanje.

Se tivesse sabido dar dois pontapés na bola, a onda mediática apanhava-o. Salvou centenas de angolanos. Dignificou a sua Pátria.

Termino com palavras de Padre Martin: «Insistir de forma obsessiva e perseguidora em um tema perdendo a visão de conjunto cria verdadeiramente caricaturas ofensivas do sacerdócio católico na qual me sinto ofendido».

Só lhe peço, amigo jornalista, que busque a Verdade, o Bem e a Beleza. Isso o fará nobre em sua profissão.» □

BENGUELA

Padre Manuel António



A Sara vai deixar-nos, dentro de poucos dias. É uma rapariga que veio para Angola, integrada na Organização não Governamental «Leigos para o Desenvolvimento». Ao terminar uma fase dos seus estudos, decidiu partilhar, algum tempo, a riqueza da sua juventude com as crianças, adolescentes e jovens mais necessitados, de Angola. Tocou-lhe esta porção muito querida, de Benguela. A nossa Casa do Gaiato foi, também, um espaço da sua actividade. Ontem, domingo, houve o encontro de despedida, no salão de festas, com a vinda do Abrigo dos Pequenos e outros grupos.

O significado deste encontro é muito rico. Lembra-nos a grande família humana que constituímos, na qual as crianças ocupam um lugar privilegiado. Os bens que fazem a riqueza dos corações devem ser partilhados pelos que

mais necessitam. Os jovens, como a Sara e muitos mais, que se deixam queimar por esta inquietação garantem um futuro mais justo e feliz. O egoísmo, a indiferença e outros males, são o veneno que ataca a raiz da convivência fraterna. Estou a lembrar-me, de repente, do rico a quem nada faltava e do pobre Lázaro, sentado à porta da sua casa, faminto e coberto de chagas. O contraste entre a proximidade física e a distância da atitude dos dois personagens é verdadeiramente condenável. O mal está aqui. O rico não é condenado por ser rico, mas pelo seu egoísmo e a sua indiferença, perante a necessidade do pobre miserável. Quem dera nos lembramos sempre de que o que temos e somos será tanto mais nosso quanto mais partilharmos com os outros. É uma verdade que só a experiência confirma.

A alegria da Sara e das suas

companheiras e companheiros cresceu nas suas vidas, na medida da sua generosidade, ao serviço destas comunidades necessitadas de seu apoio. Sempre que faço a subida do morro da Senhora da Graça, cercado por meninos e meninas que saem de todos os cantos, aos montes, uma interrogação aparece na minha mente e coração: Quem vai ajudar estas crianças a crescer para serem pessoas equilibradas na sociedade? Onde estão as forças vivas, comprometidas? Os pais? Uma das causas das grandes desgraças dos filhos está no abandono dos pais. São necessárias vidas que dediquem o seu tempo à preparação do ambiente humano, seguro e saudável, onde os filhos nasçam e sejam educados. É um aspecto muito interessante do trabalho prestado por este grupo de jovens que dedicam parte da sua juventude à construção da sociedade nova, em gestação. Por isso, quando regressam à sua origem, o coração vai cheio de saudades e muito mais enriquecido na dimensão humana e espiritual, também.

Por feliz coincidência, um dos rapazes criado nesta nossa Casa, agora professor numa escola e estudante universitário, a viver a sua autonomia, veio ter comigo e segredou-me ao ouvido, com muito carinho: «Oiça, esta semana vou apresentar-lhe a minha namorada e queremos preparar-nos para o casamento». Foi a coroa deste dia festivo. Partilho convosco estas alegrias. As tristezas guardo-as no segredo do coração. Venham mais jovens Leigos para Benguela! □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

FALECIMENTO — O Sr. A. de que vos falámos na crónica anterior faleceu. A doença, ou melhor, as doenças eram muitas e as forças do corpo eram poucas para aguentar mais a vida neste mundo. Faleceu em casa dos pais aonde tinha recolhido depois de se ter avariado a motoreta que substituíra a pouca força das suas pernas. Com um pai também já de pouca saúde, nestas últimas semanas cuidou dele principalmente a mãe, com alguma ajuda de um irmão e doutros familiares próximos.

Na última vez que o vimos, poucos dias antes da sua morte, enquanto conversávamos entre dentes com a mãe sobre como o levar para internamento, ele apanhou a conversa e disse-nos, já com uma voz muito tremida, que não queria que o tirássemos do sítio onde estava. Talvez sentisse que isso de pouco iria valer, preferindo viver o pouco tempo que lhe restava junto de quem lhe era querido.

Apesar de termos usado os meios ao nosso alcance para ajudar este homem logo que tomamos conhecimento da situação em que se encontrava, chegamos já tarde demais à sua vida. Que ele nos perdoe por isso. Nada nos garante que o desfecho teria sido diferente se tivéssemos chegado mais cedo, mas este caso serve para nos chamar a atenção para a necessidade de estarmos permanentemente atentos a todas as situações onde podemos e devemos fazer alguma coisa para ajudar os outros, por pouco que seja.

O nosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.* □

SEMANA DA PASTORAL SOCIAL

Padre João

Continuação da página 1

a necessidade de implementar uma visão ecocêntrica: «a natureza é nossa companheira e não, simplesmente, a nossa dispensa» enfatizou.

Mais tarde, o Padre João Vila Chã veio dar novo incentivo à leitura e meditação da *Caritas in Veritate*, sublinhando a preciosidade que constitui a Doutrina Social da Igreja: «É um tesouro a descobrir» — referiu. Mais à frente: «precisamos de nos convencer que para responder às interpelações do mundo, a voz da Igreja é coisa que interessa a todos os seres humanos independentemente da sua fé...» Sobre a verdade: «venha donde vier devemos acolhê-la para bem da causa social». A verdade há-de ser um processo que se exprime na economia da caridade — acrescentou. A seguir chamou a atenção para a deficiente compreensão da palavra amor — caridade. A caridade não é a virtude mais evidente à face da terra... o amor é exigente, é difícil... por isso a verdade é a dimensão epistemológica do amor. O ideal cristão do amor não se divorcia da verdade e da justiça... ajuntou o conferencista. E com uma imagem sugestiva de Chesterton, concluiu: «o cristão não é aquele que entra na Igreja, tira o chapéu mas não precisa de cortar o cabelo».

O Presidente da Comissão Nacional Justiça e Paz, Bruto da Costa, referiu que a pobreza em Portugal persiste. É um problema pastoral importante. O apoio ao pobre é um problema público e tecnicamente complexo. Mais adiantou: «a pobreza não é um problema periférico é um problema estrutural da sociedade». O combate à pobreza vai bulir com interesses instalados de privilégios. Por isso ela persiste. Um dos problemas consiste na desigualdade tanto no plano político, como cultural. A pobreza tem como causa a desigualdade, disse. O pobre é aquele que perdeu todas as formas de poder, segundo este raciocínio: os pobres são pobres... porque são pobres. A distribuição desigual do poder ajuda os ricos a manter poder sobre os recursos... Os pobres são pobres porque os ricos são ricos, enfatizou.

D. António Couto fez a última conferência de fundo. Com a sabedoria bíblica que lhe é reconhecida, encerrou esta semana em "chave de ouro". Assim o tinha apresentado o Presidente da Comissão Episcopal, D. Carlos Azevedo. Assim aconteceu, de facto, com beleza e profundidade: «O pobre é uma cátedra de bondade». Desprovido de poder, de qualquer poder... ele é o verdadeiro soberano, disse o bispo. Mais adiante, acerca desta compreensão: «é um mundo novo... Deus Se senta à mesa para partir o Pão e a Palavra, numa dinâmica de intimidade», na força do primeiro amor; amor continuado. O Deus bíblico debruça-se sobre o "outro" na sua alteridade e face ao grito de Israel, a sua resposta é Moisés. Hoje, a resposta de Deus somos nós diante das "cátedras suplicantes" — os pobres, concluiu o bispo. Aqui, a gratuidade; o dar-se na confiança, a verdadeira eficácia.

Como testemunhos vivos e elucidativos, recordamos as presenças dos Leigos para o Desenvolvimento, da Irmã Fátima Magalhães STJ — a sua presença junto dos jovens no mundo prisional — o Padre Lino Maia da CNIS e da Caritas diocesana do Porto. Ainda os testemunhos de Alda Couceiro da SSVP, Jorge Monteiro da ACEGE. □

Pelas CASAS DO GAIATO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

FALECIMENTO — Damos aqui a triste notícia do falecimento do nosso associado José Albano. Depois de completar a sua educação/formação na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, dedicou a sua vida aos seus irmãos da Casa do Gaiato de Beire e Calvário (Paredes), onde foi um prestimoso ajudante da missão hercúlea que o Padre Baptista leva a cabo, a cuidar dos doentes e inválidos rejeitados pelas famílias e abandonados nos hospitais deste País.

LOJA SOCIAL — Já está em pleno funcionamento a tão ansiada loja social, sita na Casa da Companhia em frente da nossa sede, em instalações cedidas

e restauradas gratuitamente pela nossa grande benfeitora Dra. Maria Filomena Leite Pereira de Magalhães Alpendurada. Lá, já se podem encontrar os mais variados artigos cedidos gratuitamente pelos nossos amigos e leitores d'O GAIATO. Continuam a chegar até nós muitas ofertas entregues na Casa Dina, no Porto, em especial, as do assinante n.º 67582. Poderão enviar também para o Lar do Porto, sito na rua D. João IV, 682, ao cuidado do Sr. Padre Carlos. Nota para agradecer também à D. Conceição Sousa Couto Gomes Mourato e irmã de Rio Tinto. Também o nosso associado Tó-Miranda, trouxe algumas ofertas e já agora boa sorte para a tua intervenção cirúrgica melindrosa aos

teus olhos. Um bem-haja a todos vós, pois com o pouco de cada um, se faz muito.

MAGUSTO — Estamos a preparar um magusto para todos os associados, como é habitual todos os anos. Este será efectuado nos terrenos em frente da nossa sede, na Casa da Companhia que irá ofertar as castanhas da quinta. Apelamos para os voluntários do costume, para varejar os castanheiros e trazer as sobremesas pois a animação musical está já assegurada pela nossa tocata comandada pelo Miguel Rodrigues. Estão todos convidados sem excepções. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

ALUNOS DO 2.º E 3.º CICLOS — Em Miranda do Corvo, na respectiva Escola, no corrente ano lectivo, estão a frequentar o 2.º e 3.º Ciclos os seguintes Rapazes da nossa Casa: Igor (5.º ano); Grazina, Diogo e Joaquim (6.º ano); Feliciano (7.º ano); Madi (7.º ano, CEF Jardinagem) e Belizário (9.º ano). Era bom que este ano não houvesse baldas... Por isso, agarrem-se ao estudo e cumpram os horários.

PROFESSORES DESTACADOS — Recebemos uma boa notícia, na colocação de professores, conforme foi pedida. Ficaram outra vez a trabalhar, na nossa Casa do Gaiato e no Lar de Coimbra, três professores destacados e nossos amigos: Paulo Sousa, Alberto Bogalho e Francisco Ribeiro. Deste modo, continuamos a ter bom acompanhamento nas Escolas, no estudo e noutras actividades, tais como: saúde, teatro, desporto, etc.

LAR DO GAIATO DE COIMBRA — Retomou o seu ritmo normal o nosso Lar de estudantes, em Coimbra, na Travessa Padre Américo, próximo da Rua Dias da Silva. Continuam aí, durante os dias de aulas, vários Rapazes: Natanael (8.º ano, Escola Martim de Freitas); Cristiano (11.º ano, Artes visuais, Escola Avelar Brotero); André e Leandro (12.º ano, Multimédia, Escola José Falcão); Rui (11.º ano, Restaurante/Bar, Escola D. Duarte);



Miguel (11.º ano, Cozinha/Pastelaria, Escola D. Duarte); João Pelengana (12.º ano, Cozinha, Escola D. Duarte). Bom ano, de estudo e disciplina.

LAVANDARIA — Finalmente, foi montada uma máquina de secar roupa, que foi comprada, pois no Inverno a roupa, que é muita, tem complicado a situação.

CAPELA — Para o ambão da nossa Capela, foi comprado um pano verde e assim embelezar o sítio onde se lê a Palavra de Deus.

TELHADOS — Tem-se andado a limpar os telhados de uma parte antiga da nossa Casa, pois as pombas param muito nessa zona.

Depois, vão-se pintar os exteriores e interiores dessa zona.

AGRO-PECUÁRIA — O tempo tem ido seco. Os campos estão em pouco até às lavouras.

As oliveiras têm menos azeitonas do que no ano agrícola anterior.

Na feira da Vila, a 22 de Setembro, foram comprados frangos para criar e mais galinhas poedeiras. □

BENGUELA

César Daniel («Massauro»)

COLHEITAS — Estamos na época das colheitas. Os nossos campos vão-nos ajudar nas despesas da casa, como a batata rena que já foi colhida, uma parte tem servido para o nosso consumo e a outra temos vendido para nos ajudar a cobrir as despesas com algumas receitas. Agora também chegou a hora da cebola que em breve será vendida para também nos ajudar a cobrir alguns gastos da casa.

INFORMÁTICA — A nossa sala de informática, que tem formado os nossos rapazes e alguns filhos dos nossos trabalhadores e também outras gentes de fora, este ano está no seu 10º curso. Já tem novos equipamentos, que tanta falta nos faziam para melhor retomarmos as nossas actividades, visto que os primeiros equipamentos já passavam fora do seu tempo. Graças à oferta do Sr. Ministro da Reinserção Social, João Batista Kassumwa. E também este ano temos novos monitores, o Pinto e o Luís que é mais conhecido por Maravilha, estão a estreiar-se com este equipamento e eles têm gostado desta nova experiência de vida. Apesar de ainda não terem os 18 anos

feitos, já têm dado boa conta do seu recado. Claro que o nosso José Luís os tem acompanhado, por eles ainda não terem muita experiência, e também os novos alunos têm gostado.

VISITA — No primeiro sábado do mês em curso (04/09) recebemos o sr. Padre João Luís, que estará connosco à volta de um mês. Aos poucos ele vai conhecendo um e outro, e esperemos que ele goste dos nossos rapazes e da nossa Aldeia.

ESCOLA — Já reiniciaram as aulas do último trimestre e cada rapaz já tem o fruto do seu trabalho e cada um já sabe em que pé se encontra. Então, é necessário acelerarmos os nossos passos, se não quisermos ficar para trás, e para os que sabem que têm boas notas, aqui fica o alerta para não ficarem a dormir na sombra da bananeira, porque a luta ainda não terminou.

DESPORTO — Terminaram as pausas pedagógicas. Agora entramos no outro período, isto é, o recomeço do III — trimestre, onde cada rapaz está

ciente do trabalho que deverá fazer na escola. Já não há mais tempo a perder e cada minuto que passa é necessário sabermos aproveitá-lo.

Assim sendo, o desporto tem sido muito importante para os nossos rapazes, pois tem ajudado na ocupação deles. Nestas pausas pedagógicas do II — trimestre, realizámos um torneio de futebol de salão, onde todos puderam participar, os mais pequenos jogavam no período da manhã, a partir das 10 horas, e os mais crescidos jogavam no período da tarde, a partir das 15h30m. Foi um torneio diferente em relação aos outros, que temos normalmente organizado. Tivemos uma nova experiência, e valeu a pena. De princípio, o torneio chamou-se Torneio de camaratas, e organizamos por eliminatórias. Os prémios eram apenas para as duas equipas que saíssem em primeiro lugar, e estavam compostas por dois grupos, grupo A de que constavam algumas camaratas e grupo B, com as restantes camaratas, incluindo os mais velhos e os Chefes.

Na final, para o grupo A, jogaram as



MALANJE

Padre Rafael

QUANDO acreditar significa confiar em todos, que difícil é acreditar nos outros, quando acreditar significa colocar a própria vida em mãos débeis, viciadas, doentes, deprimidas ou desconfiadas. Que difícil é acreditar nos outros quando só pensam em si mesmos, seus problemas, suas frustrações, seus fracassos... Que difícil é acreditar nos outros, quando deixaram de crer, de esperar e, no pior dos casos, até de amar. Mas também isso se pode modificar, se alguma vez alguém acreditou em nós, quando éramos fracos ou estávamos doentes, quando somente tínhamos problemas ou frustrações, quando deixámos de acreditar e perdemos a esperança. Só então tivemos a possibilidade de aprender o quão é difícil a arte de acreditar.

As nossas Casas do Gaiato estão nas mãos de crianças, adolescentes e jovens cheios de todos estes problemas e cheios de uma quantidade de capacidades e dons, que só descobrimos quando são eles os autênticos protagonistas das suas próprias vidas e da vida em Casa.

Eles merecem que lhes digamos

todos os problemas que temos em Casa, mas também todas as coisas boas dos pequenos passos dados. Merecem que os corriamos quando se enganam e que os louvemos quando fazem as coisas bem. Merecem o castigo e o prémio sempre que necessário. E, sobretudo, que não esqueçamos que eles merecem a oportunidade de decidir sobre as coisas, corrigir-nos, castigar-nos ou premiar-nos quando necessário. E, por cima de tudo, que nunca esqueçamos que as nossas Casas fazem parte de uma Obra cheia de Amor. Por isso, querido amigo/a não esqueças nunca que a Casa do Gaiato é uma família, um pedaço do Reino de Deus, onde Ele deseja que os mais débeis tenham a possibilidade de sentir-se em Casa.

A Mãe Natureza elegeu a noite de 12 de Setembro para anunciar o fim do tempo seco. O ano passado, foi de tarde e pudemos contemplar os nossos «Batatinhas» a dançar e a cantar debaixo de chuva. Este ano, foi de madrugada e, quando senti cair a chuva, perto das quatro da madrugada, descí ao pátio para respirar e sentir como a terra

despertava da letargia provocada pela seca.

Aqui, dá para entender aquele dito de que nunca chove a gosto de todos. Neste caso foram os pobres camponeses, que vivem em suas casas de adobes os que se encheram de alegria e os potentados que vivem no centro da cidade ficaram com as estradas cheias de barro, gerando uma confusão fora do normal.

Este fim-de-semana recebemos em nossa Casa a LIVEGUM (Associação de Malanjinos) vindos de Luanda e de outras Províncias. Foram mais de duzentas pessoas presentes. Este ano, deixaram os fatos na cidade e preferiam celebrar o seu dia na Casa do Gaiato, dentro de um ambiente familiar e informal. Ofereceram-nos 150 sacos de farinha de milho e algum material escolar. Os nossos rapazes também participaram no fim das cerimónias.

Fred, Simão e Inácio regressaram do castigo na Carianga, com novas atitudes e com o desejo de colaborar ao máximo com a Casa, pois sabem que este é o último ano para terminar o ciclo médio. Todos os receberam com muito carinho e recobrámos o apoio de uns filhos que foram reencontrados. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Pobreza infantil

JESUS cresceu entre gente do campo, com os olhos bem abertos. Contemplou as avezinhas, a quem o Pai do céu dava de comer, e as galinhas que juntavam os pintainhos debaixo das suas asas.

Antes do temor da gripe A, noutra altura também assustou a gripe das aves. Este medo conduziu ao esvaziamento de muitas capoeiras, inclusive nesta Casa. Acontece que as crianças, no seu crescimento, se detêm muito nos animais.

Há alguns anos atrás, repovoou-se de novo o espaço caseiro onde se têm criado galináceos. E, recentemente, foi rejuvenescida e aumentada esta secção.

Este pormenor familiar, entre outros, ajuda na economia doméstica. Na verdade, promover o bem-estar dos mais novos também passa por perceber que é preciso produzir, para evitar as dependências.

Apequenada delira muito quando encontram as galinhas a esvoaçar de contentes e a esgravatar no quinteiro dos gados, à procura das pedritas e de alimentos pretendidos. Os franganitos também cativam os garotos sobremaneira. Quando se abrem ao mundo que os

rodeia, os pequenos são chamados a conhecer a Criação e a usufruir dela com equilíbrio.

Há imensas crianças que crescem em condições de privação afectiva e miséria, desnutridas e sem acesso a cuidados de saúde nem à Escola. Não se deve perder ninguém, quanto mais gerações de pessoas.

Os filhos de famílias de migrantes, no nosso País, estão entre os membros vulneráveis da nossa sociedade. A sua inclusão e promoção é um sinal evangélico, quando cerca de 20 milhões de menores, na Europa, estão em risco de pobreza infantil.

Se lamentamos e deploramos as carências injustas, é porque atentam contra a dignidade da pessoa humana. Misérias maiores do que a do pobre Lázaro, doente e esfaimado, acontecem naqueles que *intentam danificar o seu semelhante*, conforme defendeu S. João Crisóstomo.

Já não tinham conta os apelos de um menino, cuja mãe faleceu e com uma nefropatia. Em dia de S. Vicente de Paulo, esta criança foi o nosso *senhor e protector*, protegido sim pelo Senhor.

O último encontro outonal foi decisivo para o seu acolhimento. Era a sua hora, esperada, de passar a viver numa família alargada. Sobrevivia amontoado, sem condições básicas. A despensa carecia de víveres e na sacola não havia manuais. Paupérrimo, trouxe apenas uma roupinha descaída, no corpioto franzino.

Depois da viagem, sentado à mesa desta Família, repetiu a tigela de sopa migada e saltou atrás do esférico e, mais ainda, por ir com os companheiros para a nossa Escola.

Afinal, o acréscimo da outra ninhada de *pintainhos* da nossa Casa-Mãe obrigou a alargar as suas asas, refazendo a distribuição dos cantinhos de repouso, bem necessário com tantos saltos desde a alvorada.

Dar aos filhos deste tempo melhores oportunidades de vida pode contrariar a perpetuação da pobreza e aumentar a coesão social.

Noutro tempo, na Galileia vivia gente pobre e deserdada. O Reino de Deus foi anunciado e escutado por gente angustiada. E, hoje, quantos abatidos à nossa espera e no desespero?... Não nos falte a esperança! □

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESPORTO — Depois de alguns treinos — poucos — realizámos o primeiro jogo da época 2010/2011. O nosso objectivo é sempre o mesmo: ocupar os tempos livres e contribuir para o bem-estar da comunidade. O

desporto, «*continua a ser uma peça de ferramenta de educação e promoção humana, sublinha mais o valor unidade que o competitivo*», afirma uma agência Salesiana.

Foi com esse espírito que nos deslocámos a Recarei, aqui bem perto, para convivermos com os Juniores do S. C. Nun'Álvares.

Fomos muito bem recebidos por toda a gente: directores, jogadores e até pela própria assistência, mas aquele trio... que gosta de recordar velhos tempos, foi um desastre.

Joaninha fez 0-1, o que não foi suficiente. Podíamos ter feito pelo menos mais três, ainda nos primeiros 45 minutos. No entanto, o coração e o amor clubista — dos homens do apito — falou mais alto, não permitindo que

os nossos Rapazes se aproximassem da baliza adversária.

Na cabeça daquele trio..., o desporto não funciona como uma peça educativa, mas sim como instrumento para «venha a nós... o que devia pertencer aos outros». Neste caso concreto: a vitória!

No final do jogo, todos os atletas se cumprimentaram. A direcção do clube, simpaticamente, ofereceu-nos uma merenda, tudo acabando em bem, apesar da indignação dos nossos Rapazes e da própria assistência do Nun'Álvares, pelo trabalho realizado pela equipa de arbitragem.

Não vamos desanimar, bem pelo contrário. Temos muitos jogos para fazer e os Rapazes... o que querem é jogar a bola. □

Cantinho dos Rapazes

HESITEI no título a dar a este texto, mas afinal é pensando em primeiro plano em vocês que o escrevo.

É sobre a Escola que temos e não vos dou nenhuma novidade; porém insistir, repetir não são verbos sinónimos de educar, mas fazem parte deste. Refiro-me aos horários demasiado extensos que roubam tempo e disposição para o trabalho pessoal.

Ainda nestes dias, em actos de apresentação, sobretudo a nível da escolaridade obrigatória, ouvi uma vez mais recomendar aos alunos que é preciso estar atento e ser participativo nas aulas, pois não há trabalhos para casa. Sem dúvida que este é o primeiro passo e indispensável. Mas os alunos não são meros *gravadores*. E ainda que o fossem e a funcionar bem, não basta, que aprender é assimilar. Tal como a comida que só bem digerida nos faz crescer corporalmente, também o saber exige um processo semelhante para produzir um verdadeiro crescimento intelectual, mesmo que a *gravação* se perca. E isto é uma acção pessoal insubstituível como indispensável é aquele primeiro passo. Foi sempre assim e creio que sempre será porque tal se conforma à natureza do Homem.

As tecnologias que abundam são um bem, mas usadas com discernimento que não deixe cair o Homem na dependência delas. Uma simples operação aritmética de que se não é capaz na falta da maquina que com uns toques nos dá o resultado, significa uma demissão do Homem perante a máquina que engenhou mas pela qual se deixa ultrapassar. Com o risco de, à custa do génio criador de alguns Tecnólogos, crescer uma Humanidade de preguiçosos que não precisam senão dos dedos para conhecer... sem pensar. É a escravatura dos teclados a adicionar-se a outras espécies de escravatura, que afinal nunca foi absolutamente erradicada. Mesmo no mercado do trabalho como a encontramos com terrível frequência nestes tempos em que o desemprego impera de forma tão vasta e tão cruel!

Depois, o equívoco é alimentado das cúpulas. Li há dias que a Sr.a Ministra da Educação quer reduzir a curto prazo a percentagem de chumbos. Quem o não quer?! Mas como? Para além da conjugação de esforços em aperfeiçoamento constante, de programas, de professores e alunos, há que contar com a liberdade de uns e outros, tantas vezes mal concebida e mal usada. Estatísticas e prazos, se não inquinados na origem, são, pelo menos, uma ingenuidade em moda no nosso tempo. É o Homem que tem de assumir-se e crescer ele mesmo para a missão de «dominar a Terra» no uso equilibrado dos meios que vai criando para serviço de todos os homens.

Por isso folguei (e volto ao princípio) com os actuais horários dos nossos estudantes a nível Secundário. Com dois meios dias livres por semana (sem contar com os fins-de-semana se razoavelmente aproveitados) têm mais tempo para organizar o estudo em outro horizonte que não apenas o que permite o ritmo apressado do dia seguinte. Oxalá o aproveitem.

E dos três primeiros ciclos básicos, nem por isso são dispensados em casa de recapitular o dia de aulas que tiveram, para assentarem ideias e descobrirem dúvidas que urge desfazer.

P.S.: Ao longo de muitos anos tivemos a presença dedicadíssima de uma Professora de Inglês, que também era esteio precioso no Português e até na História. Agora não pode.

Quem quer substituí-la? O nosso contacto é 225370300.

Padre Carlos

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

APÓS o almoço de hoje tive a visita de duas mulheres, cada qual com seu filho ao colo: um com um ano e meio e uma com oito meses de idade. A primeira mulher diz ter mais três filhos em casa, são de dois homens que vivem longe e que deixaram há alguns meses de poder ajudar a sustentar as crianças. A segunda diz ter outro filho mais velhito que ficou na escola, e vive com um homem em baixa de trabalho não subsidiada, fazendo hemodiálise.

Ainda não fui conhecê-los no lugar onde habitam, como é óbvio, mas irei. Precisam de tudo, dos meios mais básicos para sustentar a sua vida.

Situações como estas têm-se multiplicado como sabemos. A desorganização social que parecia não mais ir acontecer com a entrada do século XXI, mostra-se com toda a força. O pensamento é levado a recordar tempos passados que parecia não mais irem voltar. O homem de hoje é o mesmo de ontem; parece não evoluir.

Pergunto ao Senhor da Vida o porquê de tudo isto. Vejo que em tantos aspectos da vida, especialmente no seu lado humano, tem havido muitos retrocessos.

E o principal é o do sentido que a vida tem. A vida só tem sentido se tiver continuidade. Caminhar para um termo, acabando aí, é um sem sentido. E este é o mal de que enferma o homem e que desorganiza a vida.

Disse-me uma das mulheres, que deixou nascer o seu último filho porque não o fazer seria um pecado. Falou como mãe que é, e nessa condição só podia falar verdade. Decerto não compreenderá totalmente o que disse. Ter consciência plena do pecado não é fácil. Mas a sua intuição levou-a à verdade: acreditou e deu sentido à sua vida e à da criança. Não pensou nas dificuldades que iria ter nem nas renúncias que teria de fazer, antes acreditou na vida: há sempre mais vida para viver.

Muitos não acreditam ou procuram-na onde ela não subsiste. Fechados no egoísmo tudo desorganizam porque tiram a vida do seu sentido. A consequência final é que tantos não tenham os meios para a viver.

Faz falta acreditar que só há vida quando antes houve morte, que é preciso que o grão de trigo morra para que daí nasça fruto em muitos novos grãos de trigo.

A organização social não acontece porque o século é avançado mas porque quem mais dela é responsável é capaz de se abster de si para cuidar dos outros.

Isto é morrer para dar vida. Isto é ordenar a vida no seu sentido. □

duas casas 1. Enquanto que no grupo B os chefes ganharam. Valeu a pena a nova experiência.

Grupo A: 1.º Casa 1/baixo quarto 1. 2.º Casa 1/cima 2. 3.º Casa 1/cima quarto 1. 4.º Casa 1/baixo quarto 2. 5.º Casa 3. Melhor marcador: Edy, 7 golos

Grupo B: 1.º Chefes. 2.º Casa 1/baixo quarto 3. 3.º Casa 2/cima quarto 1. 4.º Casa 2/baixo. 5.º Casa 2/cima quarto 2. Melhor marcador: Paz, 18 golos. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

IMPÕEM-SE neste escrito do Património, dois sentimentos contrários: de alegria e amargura. Falemos primeiro da alegria.

No dia 22 de Setembro comprei casa para o gaiato, outrora explorado pelo ovelheiro, tendo-se, nessa altura, aproveitado da insidiosa campanha contra as casas do gaiato, a qual nos impediu de o deixar cair em extrema miséria, como relatei, há tempos, nesta coluna.

Depois de muitos passos e tentativas, abandonamos, ele e eu, a ideia de adquirir um terreno no campo, onde pudesse criar os seus animais. Era tudo muito caro.

Na internet encontrei um andar que se vendia por 52.000€. Ofereci cinquenta mil e fizemos a escritura no referido dia.

Fica na Rua da Fonte Fresca, um lugar agradável e é o direito de um primeiro andar. Divisões de tamanho razoável, com cozinha, sala, três quartos, casa de banho e dispensa. Uma construção de 1995 e o seu estado de conservação parece bom.

Fomos ambos ver a casa e, após a inspeção, entreguei-lhe a chave. Como é normal, a água e a luz estavam cortadas. Bem me apetecia ir com ele pedir ligação de ambas, à EDP e às Águas do Sado, mas achei melhor, ser ele a fazê-lo sozinho. Que não tinha dinheiro. — Mas, pedes um adiantamento ao teu patrão e resolves o problema — adiantei-lhe.

Aguardo que ele faça estas diligências e limpe a casa, que eu tenho, para pôr nela, uma nova mobília de sala e de quarto que uma amiga me deu.

Todos os leitores e comungantes desta aflição, posta por mim nos seus corações a que corresponderam com sacrificados donativos, se alegrem e comigo, dêem graças a Deus!

Desde o primeiro momento em que o vi, naquele estado desumano, pus, dentro de mim, a obrigação de lhe dar uma casa. Com a ajuda de todos, consegui mais esta maravilha!

O Espírito Santo de Deus não dorme. Ele vigia e doe-se do pobre, dá luz aos nossos corações e os determina a corresponder. Só a Ele devemos agradecer e, com Ele, nos alegramos.

Vou agora para amargura.

Durante a última quinzena comecei a dizer às multidões que o dinheiro se acabou. Já o tinha anunciado, mas recebi de um cristão do Porto dez mil euros. Então, abri de novo, a bolsa.

A primeira saída foi para uma mãe de quatro filhos cujo marido emigrou, mergulhando no silêncio. Debulhada em lágrimas arrancou-me mil e cinquenta euros para três meses de renda da casa, com água e luz. Depois foram mais mil e quatrocentos e ainda 500€ por quatro vezes, 600€ duas vezes mais 850€, mais 900€, mais 153€, mais 2.137,72€ evitando que fossem para a rua duas numerosas famílias., mais 396€, mais 400€, mais 285€, mais um par de óculos por 190€, mais 480€ e 250€ para uma prótese dentária.

Não sei bem o que fazer. Sinto que se abate sobre mim o peso enorme e uma pobreza irremediável.

Quer a gente queira quer não queira, é impossível afastar esta opressão.

As pessoas chegam de manhã até a noite. Há delas, que resignadamente se vão embora, mas, há outras que insistem, insistem e não arredam. Deixam-me completamente esmagado.

Eu compreendo a situação dos pobres. A dor agrava-se, tornando-se cada vez, mais insu-

portável. A gente cansa-se. Porque remediamos centenas de casos, parece-lhes ser possível remediá-los todos, basta que persistam em massacrar-me.

Escrevo em dia de S. Vicente de Paulo e leio uma das suas cartas: «Cristo quis nascer pobre, chamar para sua companhia discípulos pobres, servir os pobres, e identificar-se com os pobres a ponto de dizer que o bem ou o mal feito a eles, o tomara como feito a Si mesmo.»

Como me dói que as Conferências de S. Vicente de Paulo, nesta diocese, estejam tão por baixo. Que ninguém anime, muito poucos se comprometam, e menos ainda, entendam como sua, esta Fé! Parece que a religião se resume a uma doutrina teórica, a orações sem coração ou a técnicas mais ou menos elaboradas.

«Não os aflige a ruína de José», desabafaria o profeta Amós.

Uma das últimas que socorri, vinha com três filhos agarrados a ela: um rapazito dos seus oito anos, uma menina de cinco ou seis e uma criança de dois, pegada ao peito da mãe. A renda da casa, atrasada há quatro meses era o seu aguilhão afiado pela ausência muda do marido que foi, e, não mais deu notícias.

Quando lhe disse que não lhe podia valer, por não ter com quê, a menina desatou num choro, que me obrigou a passar um cheque, sem ter a certeza da sua cobertura.

Faz falta escutar o pranto das crianças! Ele é capaz de transformar corações de pedra em corações de carne.

É vá a nossa fé se não tomamos a sério, a cruz das famílias pobres, neste período tão negro.

A direcção do Património dos Pobres:

Casa do Gaiato de Setúbal
Algerúz
2910-281 Setúbal. □

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

ESQUEÇO-ME de tanta coisa, mas sobram, graças a Deus, as que não esquecem mais. Há dias estávamos a saborear ainda a refeição do meio dia com visitantes aos seus afilhados. Antes que saíssem do refeitório o Elísio, também ele de visita, quis falar a todos e entregar o seu ordenado para eles. Cerca de 150 euros. Tanto como os nossos visitantes tinham dado. Ele fez o curso técnico de agro-pecuária e por sua iniciativa concorreu ao Ensino oficial, para professor no secundário, onde sabiamente foram introduzidas as disciplinas de agro-pecuária.

Moçambique é um imenso território com grandes rios que não servem apenas para criar barragens, donde corre o ouro branco para os cofres públicos. Tem extensas áreas planas para agro-indústria, que vai dar ao mesmo. Mas sobra para os jovens que até aqui vão saindo das Escolas, pouco instruídos e sem capacidade para arquitectar o futuro. A

partir de agora, sobretudo os do meio rural, olhando para o chão, podem descobrir que não serve só para ser pisado como seus pais têm sido, mas se bem tratado dá um retorno compensador ao trabalho esforçado.

Pois muito mais esforço tem feito o povo nosso vizinho, numa terra que há décadas era destinada unicamente à criação de gado, depois do abate sistemático dos elefantes. Nos séculos passados saíram daqui milhares de toneladas de marfim, levadas para a Índia por mercadores portugueses e ingleses e até alemães. Hoje resta um simulacro de reserva. Mas hoje também à margem dos bebedouros do gado, o povo sobrevive em associações, de pequenas parcelas individuais.

Foi nos sábado dia 19 de Setembro que elas realizaram a quarta feira agrária na Massaca. Vieram as Autoridades Administrativas da Matola e Boane, como representantes e garantes legais do Povo. Veio o Sr. Embaixador de

Espanha como representante eficiente da Cooperação Espanhola que desde 1992 nos tem apoiado nas iniciativas para o desenvolvimento rural, desde a área da saúde à manutenção das Creches Berçários, micro-empresas, saúde materno infantil, o combate à sida, até às associações locais de agricultura e pecuária. Também esteve presente o artesanato e a Casa do Gaiato com uma amostra do que era produzido na nossa fazenda. Daqui em diante não sabemos.

O Povo das nossas Aldeias encheu o espaço em frente à Creche, até ao corte da fita. Palavras de circunstância foram ditas. Na minha vez só me apetecia dizer: Chegámos em 91, quando a Massaca era um lugar desolado. A única sombra era a da palhota onde se acolhiam durante o dia para curtir a fome. Pouca lenha havia para apanhar na serra, mesmo com o risco das minas e dos guerrilheiros que por ali andavam. Doía-nos o

CALVÁRIO

Padre Baptista



«Quem vive aqui?»

Uma senhora

UMA senhora passou casualmente por estes lados. Atraída pela Capela original e pelo verde abundante que a rodeia, entrou em nossa Casa por curiosidade.

— Quem vive aqui? — Perguntou-me.

Fui-lhe então revelando a finalidade do Calvário.

E sem mais perguntas, voltando-se para ela, começou por dizer que era consagrada e já vivera num Instituto religioso. Esteve em África, onde exerceu uma actividade gratificante junto das populações daquele continente. Voltou e foi directora dum lar de idosos. Prosseguiu, dizendo que tem jeito e qualidades para lidar com pessoas doentes e de idade. Presentemente trabalha na promoção de equipamentos de saúde e concluiu parecer-lhe estar talhada para este nosso viver.

Mas, toda esta bagagem de conhecimentos, de competências e andanças, é demasiado pesada para esta nossa carruagem.

Um dos desejos humanos mais natural é ser-se admirado. Muita gente anda, hoje, com um curriculum debaixo do braço, distribuindo-o. Nada fizeram, por vezes, mas têm cursos, estágios, frequência em acções de formação. E vão-se apresentando com tudo isto para causar admiração e naturalmente uma colocação.

Uns gostam de ser apreciados pelo que são ou julgam ser; outros pelo que fazem de bem e até de mal.

Ora, aqueles que sentem à sua volta uma onda de amor, de compreensão e de estima, não sentem necessidade de ser admirados, porque já o são antes de o desejarem ser.

Os nossos doentes gostam que admiremos, não o que são — coitados deles — mas aquilo que vão fazendo. Sabem que são estimados e, por isso, não reclamam admiração pela sua pessoa. Só o desejam em relação ao que executam.

— Olhe, venha ver; já levantei da cama o Diamantino mais o Joaquim.

— Repare como está limpa a avenida.

— Já lavei a loiça toda.

— Gosta desta pega redonda?

E não param de mostrar o que fazem. Não apregoam o que são. Com simplicidade, apresentam o que produzem. E assim é que está certo.

A competição é uma das marcas do nosso tempo. Todos querem ser mais, julgam ser maiores mostrando pergaminhos.

— Aprendei de Mim que sou manso e humilde — dizia Jesus. Depois de fazer alguma cura Ele recomendava que o não dissessem a ninguém. E, quando pretenderam fazê-lo rei, escondeu-se nas montanhas. Era o Mestre. □

coração com a passagem naquele mesmo lugar a caminho do cemitério de dois e três que morriam por dia sem se saber porquê. Quisemos ser o rosto de Deus que ama o seu Povo, mesmo que este o desconheça. Saudei depois o Sr. Embaixador, o rosto da Cooperação Espanhola, que desde o fim da guerra nos tem apoiado, logo de início com a vinda da Engenheira Blanca. Tanto se fez, que só podia saudar mais o rosto sorridente do Povo que ali estava connosco. E porque ao longo destes anos tem feito esforço para caminhar, só eles mereciam palmas.

A primeira Associação de camponeses a ter o seu estatuto aprovado foi a de Mahanhane, tão querida da nossa Maria José que recebeu uma junta de bois e a respectiva charrua. Houve prémios

para todas as outras Associações, oferecidos pelos nossos habituais fornecedores, que foram muito prestáveis ao nosso pedido.

Tudo quanto trouxeram para a exposição foi vendido, com muita pena para a Sra. Governadora de Maputo que mal pôde, veio fazer as suas compras. Mas já pouco encontrou. O chão de cimento da fábrica de blocos serviu de palco para os numerosos grupos das Aldeias, abrindo as danças as nossas velhinhas, continuando pela tarde fora até ao arrumar das tendas. Um dia de acção de graças e alegria. □

Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Setembro,
48.200 exemplares